



ÚRSULA: a voz dos excluídos do século XIX

Fabiana Julião de Souza Lapa¹

Por razões históricas e ideológicas, protagonizar a produção da escrita feminina torna-se ainda mais distante, num cenário de mulheres negras, marginalizadas, cujos corpos atuam, por vezes, como único capital simbólico dos sujeitos negros. Na literatura brasileira, as representações da mulher negra, não raro, marcam o sujeito de forma negativa, ancoradas em estereótipos que, por sua vez, retomam imagens ligadas ao período escravagista, ao corpo-objeto ou corpo-procriação, que supre e serve. Diante da necessidade do protagonismo e resistência, na luta contra o racismo, o sexismo e a exclusão social, determinada a buscar no movimento da escrita, emissores que assumam a condição dos negros como uma reinvenção da representação convencional construída ao longo dos séculos, impregnada de preconceitos e estereótipos, Maria Firmina dos Reis, em “Úrsula”, defende as vozes subalternizadas, numa narrativa da escravidão, conduzida por um ponto de vista afrodescendente. Do ponto de vista cronológico, o período histórico em que está inserida a escritora é fundamental para a compreensão de sua obra. Vivendo em uma sociedade sustentada pela diferenciação, ancorada no patriarcado, estratificada entre homens e mulheres, brancos e negros, pobres e ricos, legítimos e bastardos, Maria Firmina faz parte de uma parcela que estava a margem das decisões políticas de sua época, subordinadas a pais, maridos e senhores. Assim, sua obra é uma narrativa de resistência, usada para a aproximação, construção, ressignificação e denúncia, buscando desmistificar estereótipos raciais e sexuais, dando aos escravos, vozes e qualidades nobres, enquanto contam suas próprias tragédias. Publicado em 1859, o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, inaugura literariamente a imagem do negro pela visão de mundo do escravo, no âmbito do romance brasileiro.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira na Universidade do Estado do Rio de Janeiro –UERJ. Especialista em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

A identidade cultural dos personagens Túlio, Preta Susana e Antero acontece a partir da experiência desses personagens, que representam diferentes aspectos da situação do negro, durante o período da escravidão no Brasil. As características dessa tríade africana na narrativa são divergentes daquelas culturalmente construídas sobre as bases dos estereótipos configurados pela moralidade escravocrata dos senhores patriarcais, proprietários de terras. Na narrativa, há a humanização dos negros e a prevalência da africanidade, em oposição à situação degradante oriunda da escravização. No romance, são os personagens que formam, através do diálogo, a perspectiva ideológica de seres de descendência africana contra a política escravocrata. Não apenas a caracterização estética, mas também a questão cultural são utilizadas como estratégias de Maria Firmina para não só denunciar os aspectos políticos e econômicos que custearam a escravidão no Brasil, como também para estabelecer a africanidade do negro, mesmo que no âmbito da serventia. A identidade cultural se expressa pela via da estética que caracteriza os negros a partir de suas próprias individualidades e experiências, tornando-os personagens relevantes para a formação discursiva e moral do romance. Firmina nos mostra o quão importante é a lembrança para a construção das memórias social e cultural do negro, e como estas contribuem para a formação da identidade, diante de uma construção historiográfica da opressão e discriminação, bem como de suas tradições e expressões culturais, silenciadas ao longo do tempo.

Diante da problemática do preconceito racial contra a mulher negra e as atribuições de estereótipos femininos no imaginário brasileiro, falar sobre Maria Firmina dos Reis é também firmar posição no que diz respeito à condição de representantes na literatura brasileira. Maria Firmina nasceu em São Luís do Maranhão, em 11 de março de 1822. Entretanto, seu batismo ocorreu apenas em 21 de dezembro de 1825. Afrodescendente nascida fora do casamento e vivendo num contexto de extremas segregações racial e social. Formou-se professora e exerceu, por muitos anos, o magistério, chegando a receber o título de "Mestra Régia". Em 1847, com vinte e cinco anos, Mari Firmina dos Reis vence concurso público para a Cadeira de Instrução Primária na cidade de Guimarães - MA e, ao se aposentar, no início da década de 1880, funda, na localidade de Maçaricó, a primeira escola mista e gratuita do Maranhão e uma das primeiras do país, o que causou grande

repercussão na época e por isso, Maria Firmina dos Reis foi obrigada a suspender as atividades depois de dois anos e meio.

Primeira poeta maranhense, escreveu e publicou crônicas, poesias, ficção, e teve participação relevante nos cenários cultural e nacional, atuando também como folclorista e compositora, tendo sido responsável pelo “Hino da Abolição da Escravatura”. Em 1859, utilizando o pseudônimo *Uma Maranhense* – “obedecendo” regras historicamente construídas pelas práticas discursivas vigentes, que não concediam às mulheres o lugar de autoria na escrita literária, jornalística, dentre outros –, demonstrando coragem em se identificar como uma mulher, mas estrategista em não revelar a identidade negra pelo fato do momento ser opressor o suficiente para silenciar sua voz, publica *Úrsula*, considerado o primeiro romance feminino, abolicionista e afrodescendente do Brasil. No prólogo de *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis, declara:

MESQUINHO E HUMILDE LIVRO é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. Então por que o publicas?, perguntará o leitor.

Como uma tentativa, e mais ainda, por este amor materno, que não tem limites, que tudo desculpa — os defeitos, os achaques, as deformidades do filho — e gosta de enfeitá-lo e aparecer com ele em toda a parte, mostrá-lo a todos os conhecidos e vê-lo mimado e acariciado.

(REIS, M. F. *Úrsula*. In: <http://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/Ursula-Reis-MariaFirmina-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf>)

A principal temática adotada no prólogo do romance diz respeito à submissão feminina acompanhada da transgressão na escrita. De imediato, percebemos enunciados que indicam posições nas quais vislumbramos o discurso autoral. Como exemplo, o enunciado que inicia o texto –“Mesquinho e humilde livro” – apresenta uma carga semântica que nos conduz a pensar na pouca educação que era destinada às mulheres, em comparação aos homens. Essa escrita diferenciada do universo masculino é percebida a partir das expressões que desprestigiam o romance e a mulher e, em consequência, provocam a “piedade” do leitor. Porém, a sequência enunciativa “ainda assim o dou a lume” se apresenta na ordem da resistência que pode ser definida pelas diferenças de gêneros que se materializam

no discurso, indicando que, mesmo sob condições adversas, o livro foi publicado. O discurso do prólogo do livro possibilita refletirmos sobre a condição subalterna da mulher na sociedade oitocentista, em uma situação de inferioridade, tanto em relação à autoria –“Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher”–, quanto no que tange à realização do livro. Ainda no prólogo, a autora reconhece o lugar destinado à publicação de textos produzidos por mulheres e adota outra atitude, solicitando o acolhimento do livro pelo leitor, além de reconhecer a escrita feminina como um gesto fecundo e primordial.

Mas ainda assim, não o abandoneis na sua humildade e obscuridade, senão morrerá à míngua, sentido e magoado, só afogado pelo carinho materno. Ele semelha à donzela, que não é formosa porque a natureza negou-lhe as graças feminis, e que por isso não pode encontrar uma afeição pura, que corresponda ao afeto da su'alma: mas que com o pranto de uma dor sincera e viva, que lhe vem dos seios da alma, onde arde em chamas a mais intensa e abrasadora paixão, e que embalde quer recolher a corrução, move ao interesse aquele que a desdenhou e o obriga ao menos a olhá-la com bondade (REIS, M. F. Úrsula. In: <http://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/Ursula-Reis-MariaFirmina-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf>)

Essa posição propõe uma acolhida de *Úrsula* por parte da sociedade leitora. Trata-se de uma estratégia discursiva de Maria Firmina enquanto sujeito-autora para ser aceita no campo literário, uma vez que tal posição não competia à mulher na sociedade maranhense do século XIX. Nesse sentido, é através do discurso do prólogo que esse sujeito entende qual é o seu lugar social, de onde pode falar, o que pode ou não dizer, ciente das interdições que sofre na conjuntura em que se encontra. Não obstante, encerra o prólogo com um discurso que quebra a lógica dessa interdição, apelando para a complacência do leitor.

Deixai pois que a minha Úrsula, tímida e acanhada, sem dotes da natureza, nem enfeites e louçanias de arte, caminhe entre vós. Não a desprezeis, antes amparai-a nos seus incertos e titubeantes passos para assim dar alento à autora de seus dias, que talvez com essa proteção cultive mais o seu engenho, e venha a produzir coisa melhor, ou, quando menos, sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras, que com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada, com instrução mais vasta e liberal, tenham mais timidez do que nós. ((REIS, M. F. Úrsula. In: <http://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/Ursula-Reis-MariaFirmina-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf>)

O romance apresenta uma narrativa trágica, que relata a história de um amor impossível entre dois jovens, Úrsula e Tancredo, fato comum às narrativas da época, que se inspiravam nos romances medievais à moda europeia. No Romance, as personagens contam seus conflitos, vivências, casos amorosos, ódio,

perseguições e medo. Suas ações tornam-se elementos centrais na história, pois se relacionam com o projeto discursivo anunciado no prólogo. O enredo é marcado por ilusões, frustrações, desencontros, perseguições e sem o “final feliz”, que agradava ao público leitor da época. O sentimento de “brasilidade” e religiosidade perpassa o cenário de repressão sofrida por negros e mulheres, temáticas importantes da obra. No romance, a jovem Úrsula se vê envolvida em uma tragédia familiar e amorosa: sua mãe é doente e depende de seus cuidados e o grande amor de sua vida, Tancredo, é assassinado pelo tio que, na verdade, a ama e deseja desposá-la. Sobre o ar ainda há a suspeita de que o tio tenha roubado e matado o pai da protagonista do romance, fato que atormentará Úrsula durante todo o tempo. A escravidão é o cenário social do enredo.

Maria Firmina faz um contraponto aos padrões da literatura e da sociedade da época, denunciando explorações e escapando de estereótipos tão frequentes na nossa literatura como o da mulata sensual, do negro insolente, preguiçoso e pervertido. Buscou, verdadeiramente, fugir de um padrão em que o negro escritor se comportava como um branco ou omitia minuciosamente sua condição de afrodescendente, procurando defender a perspectiva dominante do explorador. Precursora, Firmina protestou, mesmo com ressalvas de que o contexto não permitia denunciar, contra a opressão sofrida por seu povo. Dessa forma, a escritora nos chama a atenção da história de vida e características encontradas em *Úrsula* e próximas as suas, tendo como observação o tratamento que é dado às classes menos favorecidas. A bondade e piedade do negro, características apagadas pelo discurso escravocrata, são claras na obra, onde ele possui qualidades louváveis e, ainda que diante do homem branco, caído, fragilizado e impotente, em sua máxima generosidade, põe-se a ajudar:

[...]E mais e mais se aproximava ele do cavaleiro desmaiado; porque seus passos para ali se dirigiam, como se a Providência os guiasse. Ao endireitar-se para um bosque à cata sem dúvida da fonte que procurava, seus olhos se fixaram sobre aquele triste espetáculo. — Deus meu! — exclamou correndo para o desconhecido.

E ao coração tocou-lhe piedoso interesse, vendo esse homem lançado por terra, tinto em seu próprio sangue, e ainda oprimido pelo animal já morto. E ao aproximar-se contemplou em silêncio o rosto desfigurado do mancebo; curvou-se, e pôs-lhe a mão sobre o peito, e sentiu lá no fundo frouxas e espaçadas pulsações, e assomou-lhe ao rosto riso fagueiro de completo enlevo; da mais íntima satisfação. O mancebo respirava ainda.

— Que ventura! — então disse ele, erguendo as mãos ao céu — que ventura, podê-lo salvar!

(REIS, M. F. Úrsula. p.7 In:
<http://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/Ursula-Reis-MariaFirmina-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf>)

E continua, destacando o ar resiliente do negro Túlio:

O sangue africano fervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão; e embalde o sangue ardente que herdara de seus pais, e que o nosso clima e a servidão não puderam resfriar, embalde — dissemos — se revoltava, porque se lhe erguia como barreira o poder do forte contra o fraco. Ele entanto resignava-se; e se uma lágrima a desesperação lhe arrancava, escondia-a no fundo da sua miséria. Assim é que o triste escravo arrasta a vida de desgostos e de martírios, sem esperança e sem gozos! Oh! esperança! Só a tem os desgraçados no refúgio que a todos oferece a sepultura!... Gozos... só na eternidade os antevem eles! Coitado do escravo! Nem o direito de arrancar do imo peito um queixume de amargurada dor!

(REIS, M. F. Úrsula. p.8 In:
<http://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/Ursula-Reis-MariaFirmina-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf>)

Ainda sobre o escravo alforriado, Túlio, este demonstra ter muita sabedoria, apesar de ser um rapaz jovem, e suas reflexões no diálogo com Tancredo, homem branco e por ele ajudado, mostram sua condição de escravo e da segregação que vivia. O jovem Túlio clama pela libertação de seu corpo e de toda a sua raça, porém, Maria Firmina, pela voz de Tancredo, faz com que seja evidente que a escravidão restringia-se ao corpo e que a alma do escravo alforriado, assim como seu pensamento, eram-lhe propriedades únicas e inexoráveis:

[...]— A minha condição é a de mísero escravo! Meu senhor — continuou — não me chameis amigo. Calculastes já, sondastes vós a distância que nos separa? Ah, escravo é tão infeliz!... tão mesquinha, e rasteira é a sua sorte, que...

— Cala-te, oh! Pelo céu, cala-te, meu pobre Túlio — interrompeu o jovem cavaleiro. — Dia virá em que os homens reconheçam que são todos irmãos. Túlio, meu amigo, eu avalio a grandeza de dores sem lenitivo, que te borbulha na alma, compreendo tua amargura, e amaldiçoo em teu nome ao primeiro homem que escravizou a seu semelhante. Sim — prosseguiu — tens razão; o branco desdenhou a generosidade do negro, e cuspiu sobre a pureza dos seus sentimentos! Sim, acerbo deve ser o seu sofrer, e eles que o não compreendem! (REIS, M. F. Úrsula. p.11 In:
<http://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/Ursula-Reis-MariaFirmina-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf>)

Maria Firmina enfatiza o negro e as questões a ele pertinentes na sociedade da época, propondo uma situação de igualdade entre as etnias. *Úrsula* expõe os contextos social, econômico e cultural da época em que se espelhou para escrever seu romance, denunciando as injustiças praticadas. As denúncias parecem ser o principal objetivo da sua obra, onde assume os dilemas do negro, sua história e se coloca também como protagonista dela. O livro apresenta técnicas do romantismo

aflorando sentimentos e emoções, opressão e conflitos amorosos explícitos, e tem como objetivo a aproximação e empatia com o público; possui uma linguagem simples, com construções inovadoras em que dá espaço aos personagens para contarem suas trajetórias. Na obra, é possível observar ainda, os contextos social e cultural, o enredo, que é mesclado com condições que eram atribuídas distintamente a homens e a mulheres, denunciando, através da analogia entre esses grupos, as injustiças nos conflitos, nos preconceitos e na marginalização, já que Firmina estava inserida num contexto fortemente marcado pelo patriarcalismo e segregações racial e social.

O romance retrata o momento histórico do país e uma nova maneira de fazer literatura, que estava, naquele instante, sendo desbravada. Numa corajosa escrita, a autora dá voz a personagem Suzana, que é uma mulher negra e pobre, transgredindo assim a uma tradição que privilegiava o discurso das classes de prestígios e, com isso, no momento em que Preta Suzana passa a narrar sua trajetória de vida desde o momento em que foi arrancada das suas raízes, denunciando a diáspora negra e até o momento atual que se encontra na narrativa, a autora passa a dar igualdade de valor a todos os personagens da trama, independente da sua condição social. A fala de Suzana acentua e recupera, pela lembrança, uma imagem da África livre com sólidas estruturas familiares e a denúncia da barbárie constituída pela viagem nos navios negreiros. A fala da personagem parece constituir-se como uma voz paralela, quiçá inovadora, no panorama geral apresentado. Africana, sequestrada em sua terra natal, brutalmente afastada de seu esposo e sua filha, transportada no porão de um navio negreiro, passou toda a sua vida adulta submetida aos mandos e desmandos de seus proprietários. Através da fala dessa personagem, a autora mostra ao público-leitor de romances, como se organizavam as famílias africanas, e o processo nada civilizado a que eram submetidos até chegarem às senzalas no Brasil.

Em conversa com Tulio, Suzana narra parte de sua vida, antes de ser capturada e feita escrava:

[...] — Para que essas lágrimas? Ah, perdoe-me. Eu despertei-lhe uma ideia bem triste! A africana limpou o rosto com as mãos, e um momento depois exclamou:

— Sim, para que estas lágrimas?...Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a tudo

quanto me foi caro! Liberdade! Liberdade... Ali eu a gozei na minha mocidade! — continuou Susana com amargura. — Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor; eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah, meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma. Uma filha que era minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah, Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh, tudo, tudo até a própria liberdade! (REIS, M. F. Úrsula. p.69,70 In: <http://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/Ursula-Reis-MariaFirmina-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf>)

E, continuando com as denúncias dos horrores da escravidão, Preta Suzana continua seu triste e comovente relato:

[...] logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira — era uma escrava!

Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível...

A sorte me reservava ainda longos combates. Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava — pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu Deus, o que se passou no fundo da minha alma, só vós o pudestes avaliar!

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura, até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé, e, para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa: davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca; vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim, e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! Muitos não deixavam chegar esse último extremo — davam-se a morte.

(REIS, M. F. Úrsula. p.71,72 In: <http://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/Ursula-Reis-MariaFirmina-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf>)

Através da verbalização da Preta Suzana, Maria Firmina dos Reis consegue expor o seu sentimento de exclusão, e quando ironiza a alforria de Túlio, explicando o sentido da verdadeira liberdade que nunca acontecerá realmente a um alforriado, num país racista, a autora reforça a condição do negro de sempre estar preso a uma mentalidade escravista e vulnerável. Túlio foge à regra do escravo rancoroso e rebelde, apresentado naquela época, sendo descrito como um homem de boa

índole, cheio de virtudes que não se embruteceu com a sua condição de escravo, assim como o jovem Tancredo também é generoso, desinteressado e de sentimentos puros, o que não era colocado aos brancos, senhores escravocratas.

Com *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis torna-se a primeira escritora de uma obra literária afro-brasileira, e a faz com inovações ao dar espaço e voz às personagens negras, ao criticar os destratos a essas, e ao discorrer acerca do caráter do ser humano de maneira neutra, sem estereotipar e nem direcioná-los a uma raça ou condição social em específico, revelando uma nova forma de fazer literatura, inaugurando a primeira obra abolicionista e autenticamente negra. A autora é um exemplo de contribuição da mulher na educação e na formação da nossa sociedade, valorizando as contribuições da cultura negra para a formação da cultura brasileira, discutindo a sobrevivência da cultura e literatura afro em meio a preconceitos. Séculos de lutas, ferimentos, dominações, servidões montam a história do negro e de sua trajetória mundo afora, veiculando significados, questionando subalternizações e refazendo outras formas de ver, pensar, falar o mundo. Maria Firmina dos Reis abre caminho não só para os negros, mas também para as mulheres, nos limites de sua abrangência. Em pleno regime escravista, no momento em que teorias ratificam a inferioridade da população africana e afro-descendente, bem como a incapacidade feminina, uma mulher afro-descendente, nordestina, de origem humilde, elaborou um discurso precursor no cenário do romantismo brasileiro, tornando públicas as condições a que estavam submetidos o negro e a mulher na sociedade brasileira. Firmina produziu um discurso que possibilitava aos marginalizados o direito a contarem sua história, buscando a empatia com seu público leitor.

O nome Maria Firmina dos Reis, ainda pouco conhecido dentro da historiografia, impõe novas perspectivas para os estudos literários, revelando a presença e a trajetória de uma escritora negra em pleno século XIX no Brasil. O exercício da escrita foi para as mulheres do século XIX, sem dúvida, uma forma de romper os limites. Escrever constitui-se como uma ação de transgressão, que ultrapassa os limites sociais acordados por uma sociedade conservadora e escravagista. Para Maria Firmina dos Reis, a escrita de *Úrsula* constitui-se com um duplo movimento, que oscila entre a realização da obra, enquanto arte, e o ato político. A luta pela

conquista do espaço feminino, no século XIX, estava relacionada à necessidade de instrução das mulheres e à utilização da escrita para falar por si, já que havia um discurso masculino que falava pela mulher antes mesma que ela o fizesse. A inclusão ou exclusão de algumas obras do cânone literário acontece em função de escolhas políticas, evidenciando o descrédito de obras e autores que não estão ligados às elites culturais, como foi o caso de *Úrsula*, obra que por uma combinação de fatores, tais como a autoria feminina, afrodescendente, procedência de uma província distante e principalmente, a forma inovadora como a escravidão foi tratada, fizeram com que esta obra ficasse silenciada por tantos anos.

REFERÊNCIAS

BERNAD, Ziléa. **Introdução à Literatura Negra**. Editora brasiliense: São Paulo, 1988.

EVARISTO, Conceição. **Da representação a autorrepresentação da mulher negra na literatura brasileira**. Revista Palmares: cultura afro-brasileira, Brasília, ano 1, nº.1, ago. 2005. p.54, versão em PDF.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro, 2006.

MONTEIRO, Maria do Socorro de Assis. **O subterrâneo intimismo de Úrsula: uma análise do romance de Maria Firmina dos Reis**. Letrônic@, Porto Alegre (PUCRS), v. 2, n. 1, p. 361-380, 2009.

REIS, Maria Firmina. **Úrsula** In: <http://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/Ursula-Reis-MariaFirmina-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf>. Acessado em: 03 de janeiro de 2019